

14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design:

Caderno de aulas do Liceu Império: Um estudo comparativo entre o método de Sophia Jobim e MIB – Modelagem Industrial Brasileira

Liceu Imperio's notebook: A comparative study between Sophia Jobim's method and MIB - Modelagem Industrial Brasileira's book

SOUZA, Jessica Serbeto B. de; Mestranda; Universidade
Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; jessicasbs95@hotmail.com
OLIVEIRA, Madson Luis Gomes de; Doutorado; Universidade
Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; madsonluis@eba.ufrj.br

O artigo visa examinar a metodologia de ensino em modelagem plana do vestuário criada por Sophia Jobim (1904–1968), precursora no estudo de moda no Brasil e primeira professora de indumentária em uma universidade. O estudo baseia-se na análise do caderno de aulas do curso de corte e costura por correspondência realizado no Liceu Império em 1936, instituição fundada e dirigida por Sophia, entre os anos de 1932 e 1954. A pesquisa estabelece um contraponto ao ensino contemporâneo em modelagem plana feminina por meio da apresentação dos pontos de convergência e divergência, a partir da investigação das aulas de construção das bases de blusa e de saia do referido caderno, cotejando com os livros MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998) e MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011), materiais empregados atualmente em algumas instituições que ensinam modelagem plana.

Palavras-chave: Sophia Jobim; modelagem plana; Liceu Império.

The article aims to examine the teaching methodology in fashion patternmaking created by Sophia Jobim (1904–1968), a pioneer in the study of fashion in Brazil and the first professor of clothing at a university. The study is based on the analysis of a cutting and sewing notebook used in a correspondence course held at “Liceu Império” in 1936, an institution founded and directed by Sophia between 1932 and 1954. The research establishes a counterpoint to contemporary fashion patternmaking teaching, through the presentation of the points of convergence and divergence, from the investigation of the bases of blouse and skirt, of the aforementioned notebook comparing with the books MIB - Modelagem Brazilian Industrial (1998) and MIB – Brazilian Industrial Modeling: Skirts (2011), materials currently used in some institutions that teaches fashion patternmaking.

Keywords: Sophia Jobim; Flat modeling; Liceu Imperio.

1 Introdução

O artigo apresentado aqui é parte de uma pesquisa maior que possui caráter histórico, exploratório e qualitativo. Com abordagem holística, tem como base um caderno de aulas do curso por correspondência em modelagem plana (datado de 1936) da escola profissionalizante feminina fundada por Sophia Jobim, o Liceu Império. Utilizamos como base bibliográfica para o artigo tanto os moldes desenhados manualmente, quanto a metodologia dos livros MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998) e MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011) para a realização do comparativo entre os métodos, aplicando associações entre o ensino de modelagem plana em dois momentos históricos: em 1936 e atualmente.

Maria Sophia Pinheiro Machado Jobim nasceu em 19 de setembro de 1904, na cidade de Avaré, interior de São Paulo (VIANA, 2020, p. 39). Estudou na escola das freiras Marcelinas e depois concluiu o curso de normalista em Itapetininga/SP (CORREIO PAULISTANO, 1922). Atuou no ensino primário em 1920 e no ano seguinte ingressou como pedagoga na cidade de Tatuí/SP, sendo esse seu primeiro cargo como professora secundária (AZEVEDO, 2021).

Entre os anos de 1923 e 1924, Sophia mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro (capital da República) com seus irmãos após o falecimento de seus pais. Ela que não havia conseguido emprego no magistério (OLIVEIRA, 2018, p. 32), ingressou em outubro de 1924 por meio de concurso, na 5ª divisão da Estrada de Ferro Central do Brasil — E.F.C.B. (O JORNAL, 1924), local onde posteriormente conheceu seu marido, o engenheiro Waldemar Magno de Carvalho (1894 – 1967)¹. Na ocasião, ele já possuía uma carreira estruturada na E.F.C.B. Em 1927, Waldemar foi promovido a “engenheiro residente” com sede em Palmyra², interior de Minas Gerais. Nesta cidade, Sophia e Waldemar, casaram-se e lá residiram por 3 anos, exercendo o magistério na Escola Normal São José. Em março de 1931, Waldemar e outros engenheiros foram demitidos da E.F.C.B. (CORREIO DA MANHÃ, ed. 11117(1), 17/03/1931, p. 2) devido à suspeita de envolvimento com questões políticas, contudo, por falta de provas, foram readmitidos 4 anos mais tarde (CORREIO DA MANHÃ, 1934 ed. 12021(1), 04/02/1934, p. 5).

Neste intervalo de tempo, o casal retornou ao Rio de Janeiro e Sophia Jobim fundou, em 1932, no centro da cidade, sua escola de corte e costura: o Liceu Império. Uma instituição habilitada e registrada pela Diretoria de Instrução do Distrito Federal, dedicada à profissionalização de mulheres. A escola foi dirigida por Sophia de 1932 a 1954³, com cursos em corte e costura (por correspondência e presencial), chapelaria, coleiteira, tailleurs e detalhes para costura; cada modalidade sofrendo modificações ao longo dos 22 anos de sua direção. Durante este período, além de sua sede no centro do Rio, o Liceu também teve outras duas filiais: uma na Tijuca, zona norte da cidade e outra em São Paulo, capital. O Liceu funcionava da seguinte maneira: duas aulas semanais, sendo a primeira teórica e a segunda, prática. Assim, a aluna aprendia a teoria da modelagem ao mesmo tempo que confeccionava peças de vestuário. O objetivo da escola era dar a oportunidade para mulheres exercerem uma ocupação técnica dentro de sua residência “afim de não precisar afastar a mulher profissional em sua verdadeira missão de mãe” (VIANA, 2020, p. 83)⁴. Naquela época poucas mulheres trabalhavam e, as que tinham essa possibilidade, exerciam funções ditas “femininas” como a de costureira. Além disso, esta seria

¹ Devido a sua função profissional na E.F.C.B., o engenheiro realizou ao longode sua carreira diversas viagens pelo mundo e Sophia o acompanhou.

² No ano de 1932 foi alterado o nome do município de Palmyra, ficando conhecido até os dias de hoje como Santos Dumont, em homenagem ao criador do avião nascido na cidade (Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santos-dumont/historico>).

³ A partir de agosto de 1954, localizamos registros que indicavam nova direção no Liceu Império com a professora Conchita (DIÁRIO CARIOCA, ed. 8020, 29/08/1954, p. 22).

⁴ Posicionamento inconcebível cometeóranamente, porém trata-se de um feminismo pregado na época que permitia à mulher desenvolver uma profissão, mas não a isentava das responsabilidades domésticas, reafirmando o papel de “mãe, esposa e guardiã do lar” que deveriam representar (CRUZ e BOREL, 1998, p. 272 apud OLIVEIRA, 2018, p. 24).

uma profissão que poderia ser realizada dentro de casa, onde além de cuidar do lar, a mulher poderia auxiliar nas despesas da família.

Ao longo de sua trajetória, Sophia Jobim declarava que teve aulas de modelo vivo na Escola Nacional de Belas Artes – ENBA (atual Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EBA/UFRJ). Profissionalmente, ela teve sua trajetória ligada às mulheres e à indumentária, sendo: colunista de moda, em periódicos de grande circulação no país; professora de indumentária no Seminário de Arte Dramática do Teatro do Estudante; figurinista para teatro e cinema; fundadora e presidente do Clube Soroptimista, em 1946 e professora de indumentária histórica, no curso de Arte Decorativa na ENBA, entre 1949 e 1968 (ano de sua morte). Além disso, fundou o Museu de Indumentária Histórica e Antiguidades, em 1960, provavelmente influenciada pela graduação em museologia (1961 a 1963), quando o curso ainda funcionava no Museu Histórico Nacional – MHN. Após a morte de Sophia, seu acervo foi doado ao MHN, local que abriga até hoje grande parte do legado.

2 O curso por correspondência e o caderno de aulas

Os cursos por correspondência foram uma modalidade muito difundida durante a década de '30 e eram oferecidos inicialmente por meio de cursos de extensão nas universidades. Realizados em vários países, o principal fator da procura pela metodologia seria por conta da facilidade de conclusão, pois os alunos não precisariam abandonar seus lares e trabalhos para finalizar os cursos (A CRUZ: ORGÃO DA PARÓQUIA DE S. JOÃO BAPTISTA (RJ), ed. 0038, 21-09-1930, p. 4). Conforme a modalidade difundiu-se pelo país, surgiram cursos por correspondência em diversos setores, como por exemplo, em: comércio, agronomia, cálculo, desenho, etc.

O curso por correspondência no Liceu Império funcionou de 1933 a 1939, com aulas semanais e exclusivamente para o interior do Brasil (A NOITE ILUSTRADA, ed. 151, 22/02/1933, p. 31). Era uma modalidade na qual a inscrição poderia ser realizada durante todo o ano, sem restrição de mês, como nos cursos presenciais. Seu fim ocorreu porque Sophia Jobim queria se dedicar à escrita de um livro (REVISTA DA SEMANA, ed. 54, 16/12/1939, p. 10), projeto em que trabalhava desde 1934. Este, segundo ela, seria um estudo sobre “anomalias”⁵, fruto colhido a partir de observações no Liceu Império, no qual possuía os originais datilografados e com ilustrações (A NOITE ILUSTRADA, ed. 218, 09/05/1934, p. 14). Porém, tal obra ainda não foi encontrada no acervo do MHN.

O caderno no qual o artigo se dedica a analisar é datado de 13 de janeiro de 1936 e pertenceu à Alda de Paula (1919–2010), uma ex-aluna do curso de corte e costura por correspondência do Liceu Império e que guardou seu material para a posteridade. Após conhecer pesquisas que envolviam Sophia Jobim e o Museu Histórico Nacional, Licia Albanese, filha de Alda, doou em 2014 o referido caderno à instituição.

O caderno de aulas por correspondência é todo manuscrito e redigido em texto corrido à caneta azul. Contém 100 folhas pautadas e numeradas (totalizando 200 páginas, frente e verso), 228 imagens com desenhos ilustrativos e moldes realizados à caneta vermelha sobre o papel manteiga colados ao longo das aulas. O material contempla desde elementos básicos da geometria a moldes de blusa com variantes de mangas e golas; saias; vestidos; calças; roupas masculinas; infantis e modelagens destinadas aos corpos “não proporcionais”, denominados à época de “anomalias”. Este é um diferencial das aulas do Liceu Império que, por meio de estudos a respeito das assimetrias corporais, Sophia propunha adaptar o molde de base da blusa, visando a perfeita acomodação da roupa ao corpo da mulher brasileira.

⁵ Apesar de receber o nome de “anomalias” o assunto de seu livro correspondia a um trecho que também identificado de maneira breve em nosso estudo, durante a análise da 6ª aula do caderno do curso por correspondência. Esse termo referia-se a correções no molde da base da blusa, no sentido de incluir as diversas configurações corporais, ditas “fora do normal”, como por exemplo: “espáduas largas”. A aula tinha o objetivo de adaptar melhor as blusas aos corpos de mulheres com corpos diversos.

Inicialmente achávamos que o caderno de aulas por correspondência fosse escrito pela própria Sophia e enviado às alunas, pois havíamos encontrado duas assinaturas de “Mme. Carvalho”⁶ no material. Porém, ao longo de nossa análise, notamos dois tipos de caligrafias diferentes no decorrer do caderno. No entanto, apenas uma delas prevaleceu em maior quantidade nas páginas e também tivemos acesso a outro caderno do período escolar de Alda e, ao comparamos as caligrafias com as aulas por correspondência, concluímos que o caderno teria sido escrito, à próprio punho por Alda, que reuniu as ilustrações dos moldes conforme transcreveu as aulas.

3 Análise das aulas e o método MIB (base da blusa)

A modelagem plana é a técnica realizada por meio da planificação das medidas do corpo. Ela pode ser instruída por meio manual, como era ensinada no Liceu Império e ainda é empregada na atualidade (utilizando réguas, esquadros e réguas curvas), ou digitalmente com programas de computadores próprios para o processo. Vale ressaltar que o presente estudo irá se deter apenas ao ensino da modelagem plana manual.

O caderno de aulas por correspondência do Liceu Império era iniciado de uma maneira não convencional para os dias de hoje, visto que durante a 1ª aula ensinava-se a construção da base da blusa, ao passo que atualmente é mais habitual iniciar o ensino a partir da base da saia, por essa ser a modelagem mais simples para iniciantes.

Na 1ª aula do caderno, era exibida a introdução do material no qual Sophia discursava sobre os acontecimentos da época, sua formação profissional e como havia desenvolvido a metodologia de suas aulas. Segundo ela, o período (1936) passava por grande transformação nas artes, ciências, assim como, na vida e percepção da mulher perante a indumentária.

Ainda de acordo com Sophia Jobim, as mulheres daquela época dispunham de senso artístico, criativo e seriam capazes de captar as necessidades da evolução da silhueta, progredindo consequentemente a teoria da costura. Ademais, esta teoria havia se tornado tão complexa que seria impossível resolver as formas do vestuário apenas usando um manequim, como na técnica da *moulage*⁷. Completando o pensamento de Sophia, na costura moderna, a modelagem plana⁸ não seria apenas arte, mas exigia ainda uma parcela de ciência para as execuções perfeitas. Sophia findava a introdução daquele material didático escrevendo que teria estudado materiais estrangeiros e a partir deles criado um método próprio, desenvolvido especificamente para o corpo da mulher brasileira.

Antes de adentrar à lição de modelagem, Sophia apresentava ainda na 1ª aula os materiais necessários para o aprendizado e revisava conhecimentos básicos em geometria e aritmética às suas alunas. Ela compreendia que as aulas de corte e costura por correspondência possuíam um fator a ser considerado: a distância entre ela e suas alunas. Desse modo, Sophia optava por nivelar todas as estudantes de modo que ficassem no mesmo grau de conhecimento para iniciar suas aulas de modelagem.

O último aspecto da 1ª aula referia-se à “*teoria da costura: blusa (corpo simples)*”, modo como Sophia Jobim denominava a constituição da base da blusa. Nesta etapa era apresentada a instrução em texto corrido para a construção do molde da base da blusa. Para a montagem do molde era adotado como exemplo de medidas o manequim de número 48 (daquela época, 1936), que correspondia às seguintes medidas: 90 cm de circunferência de busto, 44 cm de comprimento da frente da blusa e 41 cm de comprimento das costas da blusa.

⁶ Mme. Carvalho era um pseudônimo usado por Sophia Jobim, no início de sua produção como colunista de moda, ainda no ano de 1932, período que coincide com a inauguração do Liceu Império.

⁷ Termo em francês relativo à técnica de modelagem que constrói tridimensionalmente os moldes diretamente com tecido sobre o manequim ou o corpo real da usuária.

⁸ Técnica de modelagem do vestuário realizada por meio da planificação dos moldes a partir de medidas corporais.

Atualmente, o manequim 48 é visto como uma numeração *plus-size*⁹ e, munidos desta informação junto às medidas do caderno de aulas por correspondência conduzimos nossa análise baseando-se no livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998), material que escolhemos como parâmetro de modelagem plana contemporânea. Ao fazermos o comparativo com a tabela de medidas utilizada na atualidade junto as medidas oferecidas por Sophia Jobim, notamos a equivalência do manequim 48 de 1936 com as medidas aproximadas aos manequins 40 e 42 do livro de 1998, conforme Tabela 1:

Tabela 1: Medidas retiradas do livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira

Manequim 40	Manequim 42
Busto: 88 cm	Busto: 92 cm
Comp. de blusa/ Altura da frente: 45 cm	Comp. de blusa/ Altura da frente: 45 cm
Comp. de blusa/ Altura das costas: 44,5 cm	Comp. de blusa/ Altura das costas: 44,5 cm

Fonte: DUARTE; SAGGESE, 1998, pp. 28-29.

Vale lembrar que a medida referente ao comprimento das costas no caderno do Liceu Império é a única medida comparada à tabela anterior, que ficaria mais distante da utilizada atualmente. Isso ocorre, pois, o molde da blusa frente na década de 1930 possuía a linha do ombro prolongada para trás. Já no molde base da blusa atual, tanto a frente como as costas ficam posicionadas a partir do meio do ombro.

Fig. 01: Molde base da blusa - a) 1936; b) 1998. Ambos digitalizados em Corel Draw



Fonte: a) Museu Histórico Nacional (SMc6); b) DUARTE; SAGGESE, 1998, p. 43, adaptado

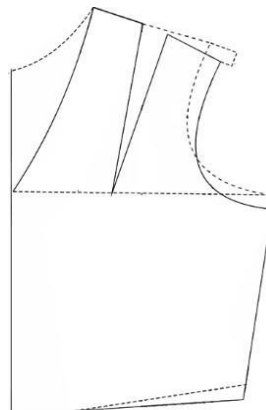
Conforme demonstramos na Fig. 01, os moldes possuem similaridade na estrutura geral da base, porém, por meio da análise que realizamos, descobrimos pontos nos quais eles se distinguem. De acordo com o estudo, as modelagens do caderno de aulas por correspondência (1936) e a do livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998) são diferentes em primeiro momento devido à distinção das silhuetas que ocorreram ao longo da história da moda. Outro aspecto divergente seria a metodologia de ensino, que apesar de notarmos semelhanças ao ensinarem etapa por etapa para a construção do molde, no Liceu Império a explicação seria desenvolvida em texto corrido, enquanto pelo método MIB, os comandos são em tópicos.

Ao compararmos a estrutura das Fig. 01a Fig. 01b, foi possível observar que no método de ensino do Liceu Império, a linha dos ombros teria uma queda mais acentuada, as cavas mais arredondadas e o decote mais fechado em 1936 (Fig. 01a). Além disso, a base da blusa não era ensinada com pence¹⁰, pois essa temática seria ensinada apenas na aula seguinte, sendo a pence traçada a partir da linha do ombro (Fig. 01b), diferentemente como mostramos abaixo na Fig. 02:

⁹ Termo em inglês que consiste na denominação utilizada no campo da moda atualmente para determinar corpos com medidas a partir do manequim 46/48.

¹⁰ Dobra pequena que, costurada do lado contrário, do lado avesso, vai se afunilando até sumir, utilizada para sinalizar, marcar, apertar e/ou diminuir a largura e dessa forma ajustar a roupa ao corpo.

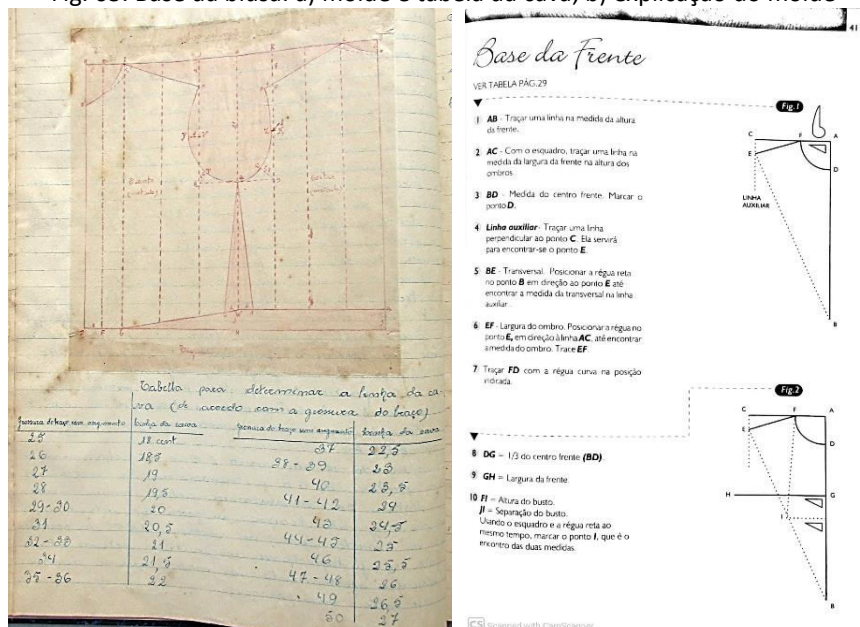
Fig. 02: Molde digitalizado em Corel Draw – 2ª aula “Pence na blusa”



Fonte: Museu Histórico Nacional (SMc6), adaptado

Além disso, o método do Liceu Império ensinava a construir o molde da base da blusa da frente em paralelo ao molde das costas, diferentemente do método utilizado atualmente, no qual cada molde é feito separadamente. Outro ponto observado entre os métodos de ensino foi quanto ao caderno de aulas por correspondência (1936) apresentar o diagrama da base da blusa praticamente finalizado ainda na metade da explicação (Fig. 03a), enquanto o livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998) exhibe o molde ainda na metade comparado à etapa equivalente de 1936 (Fig. 03b).

Fig. 03: Base da blusa: a) molde e tabela da cava; b) explicação do molde



Fonte: a) Museu Histórico Nacional (SMc6); b) (DUARTE; SAGGESE, 1998, p. 41).

Outra etapa ensinada durante a construção do molde base no caderno do curso por correspondência era traçar a medida da circunferência do busto e aumentá-la em 6 cm na marcação do molde. Porém, essa etapa no livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998, pp. 39-42) era realizada mais à frente e não possuía o acréscimo citado no caderno de 1936.

Outra diferenciação entre o método do “Liceu” e o livro MIB (1998) estaria na medição do decote da base da blusa, pois segundo o caderno, a aluna poderia utilizar a mesma medida tanto para o molde da frente, quanto das costas, deixando-a livre para adaptar conforme desejasse. Isso difere da atualidade, uma vez que a medida do decote da frente é mais aproximada ao busto, enquanto nas costas ele fica localizado mais próximo à base do pescoço.

A última etapa que notamos diferenciada entre o caderno do Liceu Império (1936) e o MIB (1998), foi observada ao traçar a linha do ombro, pois para desenhá-la no molde das costas era enunciado acréscimo de 1 cm à medida total do ombro. Esta relação inexistia no material contemporâneo.

As similaridades encontradas em ambos os materiais são vistas a partir da construção do molde que eram produzidos por meio de identificação de pontos, em letra de fôrma, assim como na determinação da medida em centímetros da linha da cava. Tanto no caderno do Liceu Império (1936), quanto no livro MIB (1998) estes pontos de congruência aparecem de maneira semelhantes.

No entanto, quanto ao desenvolvimento da linha da cava, a tabela desenvolvida no caderno de aulas por correspondência (1936) foi construída com base na largura do braço (Tabela 2)¹¹, enquanto no livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998) era fundamentada pelos tamanhos dos manequins. Diante disso, optamos pela comparação das tabelas (realçadas nas colunas em amarelo) para que pudéssemos compreender em quais tamanhos do Liceu Império corresponderiam à atualidade (Tabela 3):

Tabela 2: Tabela para determinar a linha da cava (de acordo com a grossura do braço).
Determinação da linha da cava – caderno Liceu Império

Tabela para determinar a linha da cava (de acordo com a grossura do braço)	Linha da cava	Grossura do braço sem aumento	Linha da cava
25	18 cent.	37	22,5
26	18,5	38-39	23
27	19	40	23,5
28	19,5	41-42	24
29-30	20	43	24,5
31	20,5	44-45	25
32-33	21	46	25,5
34	21,5	47-48	26
35-36	22	49	26,5
		50	27

Fonte: Museu Histórico Nacional (SMc6)

¹¹ O termo utilizado no caderno do Liceu Império é grossura do braço.

Tabela 3: Determinação da linha da cava, MIB – Modelagem Industrial Brasileira

Manequim	Cava costas	Cava frente
36	17	16
38	17,5	17
40	18	17,5
42	18,5	18
44	19	18,5
46	19,5	19
48	20	19,5

Fonte: DUARTE; SAGGESE, 1998, pp. 28-29

Como é possível notar, concluímos que as primeiras medidas da tabela do caderno do Liceu Império (Tabela 2), corresponderiam ao manequim 40 quando comparado às medidas das costas, e ao manequim 42, comparado às medidas da cava da frente (Tabela 3). Dado que comprova a similaridade entre as medidas também apresentadas na Tabela 1.

Após ensinado todo o processo de construção do molde, o caderno de aulas por correspondência aconselhava à aluna para que desenvolvesse a base da blusa com medidas de pessoas diferentes a título de exercício e prática. Essa indicação ainda é estimulada atualmente por professores para que o aluno possa criar confiança e experiência ao construir outros moldes que dependam do molde base.

3.2 Base da saia

Na 2ª aula do caderno de aulas por correspondência era ensinada a inserção de pence no molde base da blusa (como mostrado na Fig. 03) com suas variações de medidas e o último conteúdo era a base da saia.

Apresentada apenas como “saia”, a aula de construção do molde da base da saia era ensinado de forma similar à base da blusa, por meio de identificação em letras de fôrma para a construção do diagrama (molde). As instruções de montagem originavam duas metades: 1/4 do molde da frente e 1/4 do molde das costas (Fig.04), conforme também é ensinado em nossa fonte bibliográfica do ensino atual, o livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011). Porém, assim como na base da blusa, também encontramos pontos de divergência entre os métodos no ensino da base da saia.

Para a construção do molde base da saia também eram utilizadas as medidas do tamanho 48 da época (1936), que segundo o material teriam 80 cm de circunferência de cintura, 99 cm de circunferência de quadril e 78 cm de comprimento da saia. Tendo em vista tal dado, comparamos à tabela de medidas do livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011) e concluímos que as medidas estariam mais próximas dos tamanhos 44 e 46 da tabela contemporânea, conforme demonstramos na Tabela 4.

Tabela 4: Medidas retiradas do livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias

Manequim 44	Manequim 46
Circ. De Cintura/ Cintura: 76 cm	Circ. De Cintura/ Cintura: 80 cm
Circ. Quadril/ Quadril: 104 cm	Comp. de blusa/ Altura da frente: 108 cm
Comp. de saia: Não possui a medida no livro	Comp. de saia: Não possui a medida no livro

Fonte: DUARTE; SAGGESE, 2011, p. 25

Observamos também alguns pontos relevantes durante a explicação da construção no caderno de aulas por correspondência que merecem destaque neste estudo; como por exemplo, para se inserir a medida da circunferência do quadril ao molde eram adicionados 3 cm à medida total (1936). Enquanto em nossa fonte atual, MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011, p.25), a medida da circunferência do quadril no molde é empregada a partir da metade da medida total da circunferência mais 1 cm.

Outro dado obtido durante as instruções do molde base da saia no caderno do Liceu, seria o fato do diagrama não apresentar pences. Enquanto no livro MIB a pence é apresentada (Fig. 04b) na frente, localizada na direção do centro do busto e na as costas, ao meio do molde, conforme mostramos na figura abaixo (Fig.04):

Fig. 04: Molde base da saia – a) 1936; b) 2011



Fonte: a) Museu Histórico Nacional (SMc6); b) DUARTE; SAGGESE, 2011, p. 53, adaptado

A pence é ensinada na explicação ao longo do caderno de 1936, de maneira que a largura total da pence seja encontrada a partir da seguinte equação: subtração da metade da circunferência total do quadril junto à metade da cintura; a diferença entre essas duas medidas era dividida por 2; e posteriormente dividida novamente por 2, resultando na medida respectiva para cada lado do molde. Ou seja, para a largura total da pence chegava à equação $\frac{1}{2}$ do quadril + $\frac{1}{2}$ da cintura = $x/2$. Feito isso, dividia-se novamente o resultado por 2 para encontrar a largura da pence frente e costas, conforme citação abaixo:

(...) vamos agora calcular a pence da saia, corte indispensável para dar o arredondamento dos quadris. Como já vimos, a metade dos quadris é 21 cent. e a metade da cintura é 40, no nosso exemplo. A diferença entre essas duas metades é 11 cent. Esta medida será, pois, a abertura da pence. Marca-se para a direita e para a esquerda do ponto G a metade de 11 cent., isto é, 5,5 para cada lado, e temos os pontos J e I. Marca-se de G para baixo 20 cent. e teremos o ponto K (vértice da pence) que unindo os pontos J e I, forma o ângulo da pence da saia (SMc6, p. 12).

Como é possível notar na Fig. 04 junto à explicação acima, a pence ficaria localizada na lateral do molde da frente e na lateral das costas. Após o processo da pence, era acrescentado 4 cm ao comprimento da cintura e deslocado 1 cm a mais para a medida da cintura da frente, consequentemente, diminuindo a cintura das costas.

Posterior a esta etapa, para que a base da saia não modificasse o comprimento devido a esses deslocamentos e a própria localização da pence, era solicitado também que fosse ajustado o comprimento da base da saia. Aumentava-se em 1 ou 2 cm do comprimento total para pessoas medianas, enquanto em pessoas mais magras, era indicado diminuir em até 2 cm no comprimento.

Ao fim da aula do curso por correspondência (1936), era inserida uma nota sobre pessoas que possuíam quadris muito baixos, essas precisariam que a pence fosse prolongada. Enquanto para pessoas dotadas de coxas muito grossas, para disfarçá-las, deveriam aumentar a largura da saia, nesgando-a abaixo da pence e pessoas com a barriga proeminente deveriam aumentar o comprimento e aumentar a largura da frente.

Nesse contexto, retornamos à análise em nossa fonte bibliográfica contemporânea, o livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011) e verificamos que tanto estas relações com a pence na base da saia, quanto o deslocamento do comprimento, e até mesmo estas informações particulares para cada tipo de corpo, não são orientadas na lição da base da saia.

4 Conclusão

Conforme mostramos durante este artigo, Sophia Jobim foi uma profissional plural e atuou no campo da moda ainda na década de 1930. Sua escola de corte e costura, o Liceu Império, funcionou como um dos disseminadores do ensino em modelagem plana no país, tendo em vista que o curso por correspondência atravessava a fronteira da então capital federal para dar oportunidade de profissionalização a mulheres, para além da cidade do Rio de Janeiro, como no caso de Alda, antiga dona do caderno e ex-aluna, que ainda jovem pôde aprender com Sophia Jobim, mesmo morando no interior de Minas Gerais.

Com isso, buscamos trazer neste estudo além da divulgação do trabalho realizado por Sophia Jobim anterior à profissão que conhecemos atualmente como uma designer de moda/modelista, bem como objetivamos analisar um caderno de aulas por correspondência idealizado pela própria Sophia (datado de 1936) e entender como este material se comportaria num estudo atualizado, por meio da comparação do livro MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998) e MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011), livros adotados em cursos de design de moda.

Para tanto, apontamos comparações entre tabelas de medidas, descrições, formato dos moldes e desenvolvimento geral das aulas da base da blusa e base da saia. Por fim, concluímos o artigo apontando que o caderno do curso por correspondência do Liceu Império (1936) era iniciado de uma maneira não convencional aos dias de hoje, visto que durante a 1ª aula seria ensinada a baseada blusa. Atualmente, é mais usual iniciarmos o ensino da modelagem a partir da base da saia, visto que é compreendido como uma modelagem mais simples para iniciantes, pois esta exige menos medidas para montá-la. Outra análise é o fato da necessidade da aplicação de medidas de manequim como método de ensino do Liceu Império, no caso, o tamanho 48 da época; característica inutilizada no material MIB – Modelagem Industrial Brasileira (1998), MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias (2011) e em outras bibliografias contemporâneas sobre modelagem plana. Além disso, o texto descritivo e explicativo para a construção dos moldes no caderno do Liceu também seria outro cerne diferenciado dos métodos atuais, pois as metodologias recentes optam por uma escrita em tópicos, com etapas mais encurtadas, como um manual, enquanto no Liceu Império o processo parecia mais orgânico.

Por fim, a identificação para mapeamento do molde feito em letras de fôrma no caso do Liceu Império isso não seguia um padrão entre os métodos utilizados para a análise. Elucidamos então que apesar da similaridade entre as formas básicas das modelagens, notamos que a metodologia do Liceu Império é distinta ao modelo contemporâneo. Apesar de cada um dos métodos ter sua particularidade de ensino, ambos chegam ao mesmo denominador comum, o ensino da modelagem plana.

5 Referências

A NOITE ILUSTRADA. Acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1932-1954. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=120588&pesq=%22Lyceu%20Imperio%22&pagfis=2297/>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

AZEVEDO, Raquel Oliveira de. **O tecido-avental de Sophia Jobim: arte, técnica, memória e design.** Orientador: Madson Luís Gomes de Oliveira. 262 p. Dissertação (Mestrado em Design-PPGD/ EBA-UFRJ) – Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CORREIO DA MANHÃ. Acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1931. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&Pesq=%22Waldemar%20Magno%20de%20Carvalho%22&pagfis=6272>. Acesso em: 01 fev. 2022.

CORREIO DA MANHÃ. Acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1934. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Waldemar%20Magno%20de%20Carvalho%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=20492>.

Acesso em: 01 fev. 2022.

CORREIO PAULISTANO. Acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1922. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&Pesq=%22Maria%20Sophia%20Pinheiro%20Jobim%22&pagfis=10409>. Acesso em: 9 dez. 2021.

DIARIO CARIOCA. Acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1954. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_04&pasta=ano%20195&pesq=%22liceu%20imperio%22&pagfis=25047>. Acesso em: 5 jul. 2021.

DUARTE, Sonia. SAGGESE, Sylvia. **MIB – Modelagem Industrial Brasileira.** Rio de Janeiro: Letras e Expressões, 1998.

DUARTE, Sonia. SAGGESE, Sylvia. **MIB – Modelagem Industrial Brasileira: Saias.** Rio de Janeiro: Guarda Roupas, 2011.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Coleção Sofia Jobim Magno de Carvalho (**SMc6**). Rio de Janeiro: Divisão de Arquivo Histórico, 1936.

O JORNAL. Acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1924. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_02&pasta=ano%20192&pesq=%22Sophia%20jobim%22&pagfis=18071>. Acesso em: 6 nov. 2021.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. **Gênero, mulher e indumentária no museu: A Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional.** Orientador: Ivan Coelho de Sá. Tese



14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design
ESDI Escola Superior de Desenho Industrial
ESPM Escola Superior de Propaganda e Marketing

(Doutorado em Museologia): Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

VIANA, Fausto. **Almanaque da indumentarista Sophia Jobim**: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais. São Paulo: ECA/USP, 2020.